

Uma declaração Negra Feminista

A Coletiva do Rio Combahee

(Abril de 1977)

A Coletiva do Rio Combahee (Combahee River Collective) foi um grupo feminista Negro que existiu na cidade de Boston, cujo nome veio da ação guerrilheira inventada e dirigida por Harriet Tubman, em 12 de junho de 1963, na região Port Royal do estado da Carolina do Sul. Esta ação liberou mais de 750 escravas e escravos e é a única campanha militar, na história americana, planejada e dirigida por uma mulher.

Somos uma coletiva de feministas Negras¹ que estiveram se juntando desde 1974. Durante este tempo estivemos envolvidas no processo de definir nossa política e, ao mesmo tempo, fizemos trabalho político em nosso próprio grupo e em coalizão com outras organizações e movimentos progressistas. A declaração mais geral de nossa política, neste momento, seria a de que estamos comprometidas a lutar contra a opressão racial, sexual, heterossexual e classista, e que nossa tarefa específica é o desenvolvimento de uma análise e prática integradas, baseadas no fato de que os sistemas maiores de opressão se interligam. A síntese dessas opressões criam as condições de nossas vidas.

Como Negras, vemos o feminismo Negro como o lógico movimento político para combater as opressões simultâneas e múltiplas que enfrentam todas a mulheres de cor.

A seguir discutiremos quatro temas importantes: (1) A gênese do feminismo Negro contemporâneo; (2) no que acreditamos, por exemplo, no campo específico da nossa política; (3) os problemas em organizar as feministas Negras, incluindo uma breve "herstoria"² de nossa coletiva e (4) os temas e a prática feminista Negra.

¹O uso em maiúscula da palavra "Negra(o)" é uma convenção linguística nos Estados Unidos, parte do movimento de Libertação dos Negros, ocorrido nos anos sessenta.

²O termo "Herstory" é uma forma de reinventar o termo "History", que, traduzido, lê-se "História". O "his" em inglês é um pronome masculino que, em tradução literal, significa "ele". As feministas vêm usando a palavra "Herstory" (em tradução literal, "História dela") como um trocadilho, de modo a questionar a história androcêntrica e a versão prevalentemente masculina dos fatos, dessa forma, como modo de recuperar uma "história nossa", própria.

1. A gênese do feminismo Negro contemporâneo

Antes de apresentar o recente desenvolvimento do feminismo Negro, gostaria de afirmar que localizamos nossas origens na realidade histórica das mulheres afro-americanas³ e sua luta contínua de vida ou morte para sua sobrevivência e libertação. A relação excessivamente Negrativa da Negra com o sistema político estadunidense (um sistema manipulado pelo homem branco), sempre foi determinada pela nossa categorização em duas castas oprimidas: a racial e a sexual. Angela Davis indicou em "Reflexões sobre o papel da mulher Negra em uma comunidade de escravos" que as Negras sempre incorporaram, mesmo que somente em sua manifestação física, uma postura adversária ao mando do homem branco, e estiveram resistindo ativamente às incursões sobre elas e suas comunidades de maneira tanto dramática quanto sutis. Sempre existiram Negras ativas – umas conhecidas como Sojourner Truth [1], Harriet Tubman [2], Frances E. W. Harper [3], Ida B. Wells Barnett [4] e Mary Church Terrel [5], assim como mil tantas outras não conhecidas que compartilham seu reconhecimento de que, a combinação da sua identidade sexual e identidade racial, faz única sua situação vital total tanto como o enfoque de suas batalhas políticas. O feminismo Negro contemporâneo é um reflorescimento de incontáveis gerações de sacrifício pessoal, militância e trabalho por parte de nossas mães e irmãs.

Uma presença feminista Negra foi desenvolvida mais claramente em conexão com a segunda onda do movimento da mulher anglo-americana, que começou por volta dos últimos anos dos '60. As Negras, outras terceiro-mundistas e trabalhadoras, se comprometeram ao movimento feminista desde seus princípios, mas as forças reacionárias exteriores tanto como o racismo e elitismo dentro do mesmo movimento serviram para obscurecer nossa participação. Em 1973, feministas Negras, principalmente as radicadas em Nova Iorque, sentiram a necessidade de formar um grupo feminista Negro separado. Este veio a ser a Organização Nacional Feminista Negra (The National Black Feminist Organization – NBFO).

³ Pensamos intervir aqui e colocar "afro-norte-americanas" mas como o texto é retirado de uma coletânea de mulheres terceiro-mundistas e pertence à esta tradição (chicana, afro-latina, caribenha, migratória nos EUA), eu mantive americana no sentido do continente América, espero que as leitoras e leitores possam lê-lo assim com ajuda desta nota. [A Editorial]

A política feminista Negra também tem uma conexão evidente com os movimentos para a libertação Negra, em particular os das décadas de 60 e 70. Muitas de nós participamos nos movimentos (Direitos Civis, Nacionalismo Negro, As Panteras Negras) e todas nossas vidas foram afetadas e transformadas por suas ideologias, suas metas e as táticas empregadas para alcançá-las. Nossa experiência e desilusão com esses movimentos de libertação, tanto como a experiência nas margens esquerdistas masculinas dos brancos, nos levou a ver a necessidade de desenvolver uma política que fosse antirracista, à diferença das mulheres brancas, e antissexista, à diferença dos homens Negros e brancos.

Sem dúvida também há uma gênese pessoal no feminismo Negro, isso é, o reconhecimento político que emerge das experiências aparentemente pessoais das vidas individuais das mulheres Negras. As Feministas Negras, e muitas mais Negras que não se definem como feministas, experimentaram a opressão sexual como um fator constante em nossa existência cotidiana. Como meninas, percebemos que éramos diferentes dos homens e que eles nos tratavam de forma distinta. Por exemplo, ao mesmo tempo que nos faziam nos calar, para que nos vissem como “damas”, nos faziam calar para nos fazermos mais admissíveis aos olhos da gente branca. Enquanto crescíamos, nos demos conta da ameaça de abuso físico e sexual por parte dos homens. Apesar de tudo, não tínhamos nenhuma maneira de conceitualizar o que era tão óbvio para nós, que *sabíamos* o que em realidade sucedia.

As Feministas Negras frequentemente falam de seus sentimentos de loucura, de reconhecer os conceitos da política da sexualidade, do mando patriarcal, e mais importante, o feminismo, o análise político e a prática que nós, as mulheres, usamos para lutar contra nossa opressão. O fato de que a política racial e, claramente o racismo, são fatores que penetram em nossas vidas, isso não permite a nós e nem a maioria das mulheres Negras ver mais a fundo, dentro de nossas experiências, e, a partir de esta conscientização desenvolvida e compartilhada, construir uma política que transformará nossas vidas e inevitavelmente dará fim a nossa opressão. Nosso desenvolvimento também está submetido à atual posição política da gente Negra. A geração da juventude Negra que seguiu à segunda guerra mundial, foi a primeira a poder tomar a menor vantagem de certas opções educativas e de emprego, antes totalmente fechadas à gente

Negra. Como resultado dessas poucas opções, nossa posição econômica ainda está pelo chão da economia capitalista norte-americana, umas poucas de nós pudemos obter conhecimentos que nos permitem lutar contra nossa opressão de maneira eficaz.

Uma combinada posição antirracista e antissexista nos juntou inicialmente e, enquanto nos desenvolvíamos politicamente, nos dirigimos ao heterossexismo e à opressão econômica sob o capitalismo.

2. No que acreditamos

Sobretudo, nossa política brotou primeiramente da crença compartilhada de que as Negras somos inerentemente valiosas, que nossa libertação é necessária, não como adjunto à de alguém mais, mas devido a nossa necessidade de autonomia como pessoas humanas. Isso pode parecer tão óbvio como pode soar simples, mas é aparente que nenhum outro movimento ostensivamente progressista considerou nossa opressão específica como prioridade, nem trabalhou seriamente para acabar com essa opressão. Só nomear os estereótipos pejorativos atribuídos às Negras (por exemplo *mammy/niñera* Negra, matriarca, *Sapphire*, puta, *bull-daggar/sapatão*) sem categorizar o tratamento cruel, frequentemente sanguinário, indica o tão pouco valor que foi dado a nossas vidas durante quatro séculos de escravidão no hemisfério ocidental. Reconhecemos que a única gente a quem importamos o suficiente para trabalhar por nossa libertação somos nós mesmas. Nossa política nasce de um amor saudável por nós mesmas, nossas irmãs, nossa comunidade que nos permite continuar nossa luta e trabalho.

Este enfoque sobre nossa própria opressão está incorporado ao conceito de *política de identidade*. Acreditamos que a política mais profunda e, potencialmente a mais radical, se deve basear diretamente em nossa identidade, e não no trabalho para acabar com a opressão de *outra* gente. No caso das Negras, este conceito é especialmente repugnante, perigoso e ameaçante, e, portanto, revolucionário, porque, é óbvio, ao ver de todos os movimentos políticos antecedentes ao nosso, que neles qualquer outra pessoa merece a libertação mais que nós mesmas. Rechaçamos pedestais, ser rainhas, ou ter que caminhar dez passos atrás. Ser reconhecidas como humanas, igualmente humanas, é suficiente.

Nós acreditamos que a política da sexualidade, sob este sistema patriarcal, se assenhora da vida das vidas das mulheres Negras tanto como a política de classe e raça. Também encontramos difícil separar a opressão racial da classista e da sexual, porque em nossas vidas as três são uma experiência simultânea. Sabemos que não existe uma coisa tal como uma opressão racial-sexual que não seja somente racial ou somente sexual; por exemplo, a história da violação das Negras por homens brancos como uma arma da repressão política.

Embora sejamos feministas e lésbicas, sentimos solidariedade com os homens Negros progressistas e não defendemos o processo de fracionamento que exigem as mulheres brancas separatistas. Nossa situação como gente Negra requer que tenhamos uma solidariedade pelo fato de ser da mesma raça, a qual as mulheres brancas evidentemente não necessitam ter com os homens brancos, a menos que seja sua solidariedade negativa como opressores raciais. Lutamos juntas com os homens Negros contra o racismo, enquanto também lutamos com homens Negros sobre o sexismo.

Reconhecemos que a liberação de toda gente oprimida requer a destruição dos sistemas político-econômicos do capitalismo e do imperialismo tanto como o do patriarcado. Somos socialistas porque acreditamos que o trabalho tem que se organizar para o benefício coletivo dos que fazem o trabalho e criam os produtos dele, e não para o proveito dos patrões. Os recursos materiais tem que ser distribuídos igualmente entre todas e todos que criem esses recursos. Não estamos convencidas, no entanto, que uma revolução socialista que não seja também uma revolução feminista e antirracista nos garantirá nossa libertação. Chegamos à necessidade de desenvolver um entendimento das relações entre classes que tome em conta a posição específica da classe das Negras que geralmente estão nas margens da força operária, embora, durante este tempo em particular, algumas de nós sejamos percebidas duplamente como símbolos desejáveis nos níveis funcionários e profissionais.

Necessitamos verbalizar a situação real de classe das pessoas que não são simplesmente trabalhadoras e trabalhadores sem raça, sem sexo, mas para quem as opressões raciais e sexuais são determinantes significantes em suas vidas laborais/econômicas. Embora compartilhemos um acordo essencial com a teoria de Marx quanto ao que se refere às relações econômicas específicas que ele anali-

sou, sabemos que sua análise tem que estender-se mais para que nós possamos compreender nossa situação específica econômica como Negras.

Uma contribuição política que estimamos, e já fizemos, é a expansão do princípio feminista de que o "pessoal é político". Em nossas sessões de conscientização, por exemplo, de muitas maneiras acabamos indo mais além das revelações das mulheres brancas porque estamos tratando as implicações de raça e classe tanto como as de sexo. Até nosso estilo como Negras de falar/testemunhar na língua Negra sobre o que experimentamos tem uma ressonância ao mesmo tempo cultural e política. Por necessidade, estivemos gastando bastante energia explorando o caráter cultural e pessoal de nossa opressão porque esses assuntos nunca foram estudados antes. Ninguém examinou antes o complexo tecido das vidas das Negras.

Um exemplo deste tipo de revelação/conceitualização ocorreu em uma juntada na qual discutimos as maneiras em que nossos interesses intelectuais haviam sido atacados por nossos iguais, em particular pelos homens Negros. Todas descobrimos que, porque éramos "inteligentes", também nos consideravam "feias", isso é, "inteligente-feia". Ser "inteligente-feia" pôs em evidência que todas havíamos sido obrigadas a desenvolver nossos intelectos ao grande custo das nossas vidas "sociais". As sanções das comunidades Negras e brancas contra as pensadoras Negras são muito altas em comparação às mulheres brancas, em particular às educadas de classe média e alta.

Como já dissemos, rejeitamos a posição do separatismo lésbico porque não é uma estratégia nem um análise viável da política para nós. Exclui demasiado e demasiada gente, em particular aos homens, mulheres e crianças Negras. Temos bastante crítica e ódio do que a sociedade fez dos homens: o que apoiam, como atuam, e como oprimem. Mas não temos a noção descabelada de que isso sucede pelo homem em si, ou seja, que a anatomia masculina os faz serem como são.⁴ Como Negras achamos que qualquer tipo de de-

⁴Provavelmente aqui a coletiva se refere ao clima que Feminismo Lésbico Cultural deu lugar nos anos 70, embora o que possa ser extraído das correntes com enfoque mais político se refere mais à necessidade de éticas lésbicas e espaços próprios (Sarah Lucia Hoagland, Marilyn Frye), estas possuíam um análise mais histórico. Em geral o clima do separatismo cultural deu lugar a discursos mais essencialistas e mesmo de uma espiritualidade feminista, que acredito terem sido mais uma reação ao centrismo masculino social e histórico e a lesbofobia do movimento feminista, narrativas essencialistas que eu vejo mais como uma necessidade de criar contranarrativas e contra-

terminismo biológico é uma base perigosa e reacionária para construir política. Também temos que perguntar-nos se o separatismo lésbico é um análise e estratégia política adequada e progressista mesmo para aquelas que o praticam, já que somente admite as fontes sexuais da opressão das mulheres, renegando aqueles feitos de classe e raça.

3. Problemas em Organizar as feministas Negras

Durante nossos anos como uma coletiva feminista Negra, viemos tendo a experiência do êxito e da derrota, da alegria e da dor, da vitória e do fracasso. Viemos descobrindo que é muito difícil organizar-se ao redor de temas feministas Negros, que ainda mais difícil anunciar em certos contextos que *somos* feministas Negras. Estivemos tratando de pensar sobre as razões pelas dificuldades, especialmente já que o movimento de mulheres brancas segue sendo forte e cresce em muitas direções. Nesta seção discutiremos em geral alguns dos problemas que confrontamos ao organizar tanto como suas razões e, também, comentaremos especificamente sobre as etapas para organizar nossa coletiva.

A maior fonte de dificuldade em nosso trabalho político é que não estamos somente tratando de lutar contra uma de duas frentes de opressão, senão enfrentar toda uma extensão de opressão. Para apoiarmos não temos o privilégio racial, sexual, heterossexual, ou classista, nem temos o mínimo acesso aos recursos nem ao poder que têm os grupos que possuem qualquer destes tipos de privilégio.

O desgaste psicológico de ser uma Negra e as dificuldades que isso

cultura, coisa que sempre existiu durante a trajetória dos feminismos (Monique Wittig, que publicou livros como Dicionário das Amantes e As Guerrilheiras, com largo linguagem mítico, lírico e metafórico, apesar de ter livros muito teóricos). A crítica é bem entendível, mas me preocupo com a apropriação possível que possa ser feita por parte de misóginos ou quem a reproduza a despeito de conhecer ou não o contexto da crítica. Há uma resposta a esse artigo por parte de separatistas Negras, no livro *Lesbian Ethics*, de Sarah Lucia Hoagland. De fato, a história do separatismo lésbico Negro e as vozes e história de Negras lésbicas separatistas se tornou invisibilizada hoje, se essa corrente já era marginal e hostilizada, hoje ainda mais difícil recuperar essa herstória. Algumas separatistas lésbicas Negras que podemos citar: Jacqueline Anderson, Anna Lee, Naomi Littlebear Morena, Pipa Flemming. [intervenção da Editorial].

apresenta ao tratar de alcançar uma conscientização política e ao fazer trabalho político nunca podem ser subestimadas. Nesta sociedade racista e sexista se dá muito pouco valor ao espírito das Negras. Como disse uma vez uma membra que havia recém-entrado: "Todas somos pessoas danadas somente pelo fato de sermos mulheres Negras". Somos gente despossuída psicologicamente e a todo nível, e ainda sentimos a necessidade de lutar para mudar a condição de todas as mulheres Negras. No livro "A Busca por uma feminista Negra pela irmandade" Michele Wallace chega a esta conclusão:

"Existimos como mulheres que são Negras, que são feministas, cada uma isolada por hora, trabalhando independentemente porque ainda não há um ambiente nesta sociedade remotamente admirável à nossa luta – por que ao estar tão abaixo, tínhamos que fazer o que ninguém havia feito ainda: lutar contra todo o mundo".

Wallace é pessimista, mas realista em sua apreensão da posição das feministas Negras, em particular em sua alusão ao quase clássico isolamento que todas confrontamos. Podíamos usar nossa posição baixa, contudo, para tomar um salto limpo até a ação revolucionária. Se as mulheres Negras fossem livres, isso significaria que todas as demais tinham que ser livres já que nossa liberdade exigiria a destruição de todos os sistemas de opressão.

O feminismo é, apesar de tudo, muito ameaçante para a maioria da gente Negra porque põe em dúvida algumas das suposições mais básicas de nossa existência, por exemplo, de que a sexualidade terá que ser um determinante das relações baseadas no poder. Aqui vocês têm a definição da voz do homem e da mulher segundo um panfleto Negro dos anos 70:

"Nós entendemos que é e tem sido tradicional que o homem encabece o lar. Ele é o líder do lar e da nação porque seu conhecimento do mundo é mais amplo, seu conhecimento mais grande, seu entendimento mais pleno, e sua aplicação de essa informação é mais sábia... Depois de tudo, é simplesmente razoável que o homem encabece o lar porque ele pode defender e proteger o desenvolvimento de seu lar... As mulheres não podem fazer a mesma coisa que os homens – por natureza funcionam distintamente. A igualdade entre os homens e

as mulheres é algo que não pode suceder nem sequer no abstrato. Os homens não são iguais a outros homens, por exemplo, em habilidade, experiência ou até em entendimento. O valor dos homens e das mulheres se pode ver como o valor do ouro e da prata – não são iguais, mas ambos têm muito valor. Temos que reconhecer que os homens e as mulheres se complementam porque não há uma casa/família sem um homem e sua esposa. Os dois são essenciais ao desenvolvimento de qualquer vida”. [7]

As condições materiais da maioria das mulheres Negras provavelmente não as levaria a destruir os arranjos econômicos e sexuais que parecem representar a estabilidade de suas vidas. Muitas mulheres Negras têm um bom entendimento tanto do sexismo como do racismo, mas devido às restrições em suas vidas não podem tomar o risco de batalhar contra ambos.

A reação dos homens Negros ao feminismo esteve sendo notoriamente negativa. Se sentem certamente mais ameaçados que as mulheres Negras pela possibilidade de que as feministas Negras nos organizemos em torno de nossas próprias necessidades. Reconhecem que não somente perderiam aliadas valiosas e trabalhadoras para suas lutas senão que também estariam obrigados a mudar seus costumes habitualmente sexistas em como atuam entre si e em quanto oprimem às mulheres Negras. As acusações de que o feminismo Negro divide a luta Negra são dissuasões poderosas contra o desenvolvimento do movimento autônomo de mulheres Negras.

Ainda assim, centos de mulheres participaram em diversos momentos durante os três anos vigentes de nosso grupo. E cada mulher que veio, veio ao sentir uma forte necessidade de captar a qualquer nível uma possibilidade que não existia antes em sua vida.

Quando começamos a reunir-nos em 1974 depois que a NBFO teve sua primeira conferência na região oriental, não tínhamos nem uma estratégia para organiza-nos nem um enfoque. Só queríamos ver o que possuíamos. Depois de nos reunir-nos por uns meses, começamos a juntar-nos outra vez mais tarde esse ano e começamos uma toma de consciência variada e intensa. Tivemos o sentimento abrumador de que depois de anos e anos finalmente havíamos encontrado. Embora não fazíamos trabalho político como grupo, individuais

continuavam sua participação na política lésbica, o abuso da esterilização e o trabalho para o direito ao aborto, as atividades do dia internacional da mulher terceiro-mundista, e o apoio ativo de Dr. Kenneth Edelin [8], Joann Little [9], e Inez García [10]. Durante nosso primeiro verão quando o número de membras havia baixado consideravelmente, aquelas entre nós que ficávamos nos dedicávamos a discutir a possibilidade de abrir um refúgio para mulheres agredidas na comunidade Negra (não havia nenhum em Boston naquele tempo). Também decidimos por esse momento fazermos uma coletiva independente já que tínhamos uns desacordos sérios com a posição burguesa-feminista da NBFO e sua falta de um claro enfoque político.

Também, neste momento, nos contataram feministas socialistas com quem havíamos trabalhado em atividades sobre direito do aborto. Elas queriam animar-nos a assistir a Conferência Feminista Socialista Nacional em Yellow Springs [11]. Uma de nossas membras assistiu e, apesar da estreita ideologia que se promovia em essa conferência em particular, reconhecemos ainda mais a necessidade de entender nossa própria situação econômica e de fazer nosso próprio análise econômico.

No outono, quando algumas membras regressaram, experimentamos vários meses de inatividade comparativa e desacordos internos que, primeiro, se conceitualizaram como uma divisão entre lésbicas e heterossexuais, mas que também era resultado de diferenças políticas e de classe. Durante o verão, aquelas dentre nós que ainda nos juntávamos determinamos a necessidade de fazer trabalho político, e de ir mais além da toma de consciência e de servir somente como um grupo de apoio emocional. No começo de 1976, quando algumas das mulheres que não quiseram fazer trabalho político, e que também tiveram desacordos com o grupo, deixaram de comparecer por sua conta, buscamos um novo enfoque. Decidimos durante esse tempo, com a somatória de novas membras, converter-nos em um grupo de estudo. Sempre havíamos compartilhado o que líamos e, algumas de nós, havíamos escrito papéis sobre feminismo Negro para discutir com o grupo uns meses antes que se fizera essa decisão. Começamos a funcionar como um grupo de estudo e, também, começamos a discutir a possibilidade de começar uma publicação Negra feminista.

Fizemos um retiro nos finais dessa primavera que nos proporcionou

o tempo para discutir a política e para resolver temas interpessoais. Atualmente planejamos uma coleção de escrita feminista Negra. Sentimos que é absolutamente essencial demonstrar a realidade de nossa política a outras mulheres Negras e cremos que podemos fazer isso por meio da escritura e distribuição da nossa obra. O fato de que indivíduos Negras feministas vivem em isolamento por todo o país, de que somos poucas, e de que temos algumas habilidades para escrever, imprimir e publicar nosso trabalho, nos faz querer levar a cabo projetos deste tipo como meio para organizar feministas Negras enquanto continuamos nosso trabalho político em coalizão com outros grupos.

4. Temas e Projetos de feministas Negras

Durante esse tempo juntas, estivemos identificando e trabalhando com muitos temas de particular interesse das mulheres Negras. O desdobramento totalizante de nossa política nos leva a preocupar-nos com qualquer situação que toque a vida da mulher, gente de Terceiro Mundo e trabalhadoras e trabalhadores. Estamos, é claro, particularmente comprometidas a trabalhar nessas lutas nas quais raça, sexo e classe são fatores simultâneos de opressão. Podíamos, por exemplo, revestir-nos na organização sindicalista de fábricas que empregam mulheres terceiro-mundistas, ou, protestar contra hospitais que lhes cortam seus serviços de saúde, a princípio inadequados, à comunidade terceiro-mundista, ou começar um centro em um bairro Negro que trate a crise de violações. Os problemas de bem-estar social (programas estatais) e de creches também podem ser pontos de enfoque. O trabalho por fazer e os temas inacabáveis que esse trabalho representa simplesmente reflete que os aspectos de nossa opressão se filtram através de todas as partes.

Os temas e projetos que membras da coletiva tiveram realmente trabalhado são o abuso da esterilização, os direitos de aborto, as mulheres agredidas, a violação e o rapto, e os serviços de saúde. Também tivemos muitas oficinas educativas sobre o feminismo Negro nas universidades, conferências de mulheres e mais recentemente à mulheres no ensino secundário.

Um tema que nos preocupa muito, e que temos começado a discutir publicamente, é o racismo no movimento das mulheres brancas.

Como feministas Negras estamos alertas constante e dolorosamente com relação ao pouco esforço que as mulheres brancas fazem para compreender e combater seu racismo, o qual requer, entre outras coisas, mais que uma compreensão superficial do racismo, da cor, e da história e cultura Negras. Eliminar o racismo no movimento das mulheres brancas é por definição o trabalho delas, mas continuaremos a dirigir-nos ao tema e exigir que assumam responsabilidade sobre o tema.

Na prática de nossa política não acreditamos que o fim sempre justifica os meios. Muitos atos reacionários e destrutivos foram cometidos para obter metas políticas "corretas". Como feministas, não queremos jogar sujo com gente em nome da política. Acreditamos no processo coletivo e em uma distribuição de poder que não seja hierárquico dentro de nosso próprio grupo e em nossa visão de uma sociedade revolucionária. Nos comprometemos a um exame contínuo de nossa política à medida que se desenvolva, por meio da crítica e autocrítica, como um aspecto essencial de nossa prática. Na sua introdução de *Sisterhood is Powerfull (A Sororidade é poderosa)* Robin Morgan escreve:

"Não tenho nem a menor ideia do papel que os revolucionários homens brancos heterossexuais podiam fazer, já que são a incorporação do poder na qual os interesses reacionários estão investidos".

Como feministas e lésbicas Negras sabemos que temos um trabalho definitivamente revolucionário para levar a cabo e estamos preparadas para dedicar a vida ao trabalho e luta que nos espera.

[Retirado e traduzido do livro Esta Puente mi Espalda: Voces de las mujeres tercermundistas em los Estados Unidos].

Notas

[1] **Sojourner Truth** (1797?-1883) foi uma abolicionista (lutadora pela abolição da escravidão de Negras e Negros) e ativista pró-direitos da mulher. Em um dos primeiros congressos sobre direitos da mulher em meados do século 19, revelou sua bravura para dar privas de seu sexo, proclamando "Ain't I a woman?" ("E eu não sou uma mulher?"). Este gesto simbólico quis expor a falha das feministas brancas da primeira onda para incorporar em sua luta os problemas das Negras. Portanto, Sojourner Truth serviu de modelo para muitas feministas Negras contemporâneas.

[2] **Harriet Tubman** (1820?-1913) foi uma escrava fugitiva, abolicionista e reformista social. É famosa pelo seu trabalho com "a resistência liberacionista" que a permitiu salvar a 300 Negras e Negros da escravidão.

[3] **Frances E. W. Harper** foi poetisa popular, romancista e oradora de finais do século 19.

[4] **Ida B. Wells Barnett** (1862-1931) foi jornalista, conferencista e liderança dos direitos civis. Participou da fundação da NAACP (Associação Nacional para o Assalariamento da Gente de Cor) e fundou a primeira organização de mulheres sufragistas.

[5] **Mary Church Terrel** (1863-1954) foi professora, autora, sufragista e uma liderança dos direitos civis. Trabalhou ativamente para organizar as Negras nas lutas contra o racismo e o sexismo. Ela foi instrumental em fundar a Associação Nacional de Negras em 1896.

[6] **Michele Wallace**, "A Black Feminist's Search for Sisterhood" ("Uma busca Negra feminista pela Irmandade"), *The Village Voice*, 28 de julho de 1975, pp.6-7.

[7] **Mumininas of Committee for United Newark**, Mwanamke

Mwananchi (The Nationalist Woman). Newark, New Jersey, 1971, pp. 4-5.

[8] **Doutor Kenneth Edellin** foi um obstetra e ginecologista Negro do Hospital da Cidade de Boston. Sem apoio dos administradores hospitalários, ele e seus colegas progressistas trabalham horas extras sem pagamento para prover abortos a mulheres de bairros próximos pobres porque os pedem. Em 1973 acusaram-no de homicídio involuntário por fazer um aborto ilegal a uma garota Negra de 17 anos que pediu o procedimento e que não sofreu nenhum dano como resultado. "Creio muito frequentemente no direito de uma mulher de determinar o que lhe passe a seu próprio corpo", declarou o doutor Edellin. "Se uma mulher não está convencida em sua própria mente de que quer um aborto... não o farei". Em fevereiro de 1975, Edellin foi declarado culpado por um jurado de doze brancos, em sua maioria homens e católicos, e condenado a um ano de liberdade vigiada. (*The Guardian*, Nova Iorque, 19 e 26 de fevereiro de 1975). Enquanto que a hierarquia católica mobilizava seus partidários anti-feministas para apoiar o castigo de Edellin, o movimento das mulheres feministas de Boston se mobilizou para defendê-lo. No processo subsequente, se exonerou ao doutor Edellin, que depois recebeu uma promoção.

[9] **Joann Little** foi uma Negra, de 20 anos, encarcerada no condado de Beaufort no estado da Carolina do Norte. Em agosto de 1974, um guarda branco de 62 anos entrou em sua cela e tentou violá-la. Ela resistiu e resultou que o matou a punhaladas. Acusada de homicídio, recebeu o apoio e solidariedade dos liberais, radicais e especialmente do movimento de mulheres através do país. Em agosto de 1975 a exonerou um jurado de seis negras e negros e seis brancas e brancos. "Pode ser que já haja uma lei que diz que uma Negra tem direito a defender-se", declarou. "O fiscal tinha mais interesse em mandar as mulheres Negras à câmara de gás que à justiça" (*The Guardian*, Nova Iorque, 27 de agosto de 1975). "... Nunca fui pessimista com respeito ao poder do povo. Sabia que uma vez que se juntasse o povo, venceríamos".

[10] **Inez García** foi acusada na Califórnia, em 1975, do homicídio de Miguel Jiménez. Jiménez foi amigo de Louis Castillo, 17, que se-

gundo Inez García a violou com ajuda ativa de Jiménez. Seu primeiro júízo resultou em um julgamento de culpada. Mas, depois o julgamento foi anulado pela corte superior de Califórnia, assim que se a exonerou.

[11] **A Conferência Feminista Socialista Nacional** foi levada a cabo em Yellow Springs, Ohio em julho de 1975. Assistiram à mesma, por volta de 1600 mulheres socialistas e feministas com diferentes perspectivas políticas de muitas partes da América do Norte. Um grupo de mulheres marxistas e antifeministas tentou dominar a conferência e evitar qualquer discussão teórica do feminismo socialista. Por isso, se formaram espontaneamente várias cáucuses (grupos de base), inclusive uma grande junta de lésbicas, para enfrentarem as questões que tocavam a maioria das presentes.

Revisado e editado em agosto de 2018 por coletiva Herétika.
São Paulo-Brasil.
Segunda edição.

HERETIKA



EDITORA LESBICA INDEPENDENTE

Editorial sapatão radical, autônomo, autogerido e resistente. Disseminando pensamento lésbico-feminista, separatista, antirracista, anticapitalista, anarca e ecofeminista. Apostando na difusão de pensamento lésbico rebelde, disponibilizamos traduções e escritos originais desde autoras clássicas às novas pensadoras e escritoras em busca de um espaço de autopublicação coletiva e independente. Pelo resgate de nossa história, palavras, pensamento, literatura, simbólico e memória! Uma iniciativa sororária pelo fortalecimento de comunidades e redes lésbicas radicais, autônomas e anticapitalistas.

CONTATO:

heresia.lesbica@riseup.net

heresialesbica.noblogs.org